

Mesa de jantar e encontros familiares



Em dezembro último, li uma pequena notícia que me fez pensar bastante e é um bom motivo para nossa conversa: nos últimos cinco anos, as vendas de mesa de jantar caíram 8% na Grã-Bretanha no mesmo período em que as vendas de móveis de escritório para particulares aumentaram 40%. Apesar de não ter os dados, não creio que, no Brasil, a situação seja muito diferente.

As famílias, por variados motivos, mudaram bastante seu modo de viver, principalmente a partir da década de 1960. Até então, a mãe era a rainha do lar, a família não se restringia a pais e filhos, e o grupo de parentes se reunia com regularidade, principalmente em torno da mesa de jantar. Esse móvel, tanto quanto os que compõem a sala de estar, ganhou outros usos no mundo contemporâneo.

Hoje, é difícil que as famílias utilizem com frequência a sala de jantar ou a de estar para encontros entre os integrantes do núcleo.

A palavra "lar" entrou em desuso já há um bom tempo. Esse fato é um dos sinais que demonstram não apenas as transformações lingüísticas e/ou no estilo de vida mas também, e principalmente, as que ocorrem nos vínculos entre as pessoas de uma família. Melhor dizendo, entre pais e filhos. Na era do consumo, a casa deve atender a determinados padrões estéticos muito mais do que afetivos. O que parece importar, na casa, é o que ela tem e não quem mora nela, não é verdade? Basta prestar atenção às peças publicitárias para constatar o fato. "Dize-me como é tua casa e te direi quem és", insistem às peças publicitárias e as revistas que expõem as casas de pessoas famosas. O que era o espelho da família se transformou em imagem de identificação. E, dessa maneira, passamos a servir a casa, em vez de ela nos servir.

Na era do individualismo, a casa se subdivide em vários nichos que abrigam, em separado, pais e filhos. A sala de estar é pouco usada pelo grupo, e a de jantar, menos ainda. A casa não funciona mais como espaço estimulador da reunião de quem mora nela.

E os pais, como se relacionam agora com os filhos, com tão poucas oportunidades de encontros afetivos e efetivos com eles? Um detalhe da notícia que citei logo no início serve como pista: o aumento das vendas de móveis de escritório para particulares. Interpretando esse fato como um indicativo do aumento crescente da influência do estilo dos escritórios na vida familiar, arrisco-me a dizer que os pais ganharam um perfil de burocratas. O que isso significa?

Em primeiro lugar, que eles estabeleceram ou procuram estabelecer uma rotina administrativa no relacionamento com os filhos. Nesse sentido, priorizam determinadas responsabilidades e executam sua atividade com vistas a certa estabilidade.

Conflitos e discussões, tanto quanto questionamentos e reflexões sobre o exercício desse papel, são, portanto, evitados e até recusados em nome de uma aparente, mas ilusória, harmonia administrativa. Em segundo lugar, os pais passaram a acreditar que uma das características mais importantes para melhor exercer seu papel é ter qualificações técnicas, quase profissionais. Por isso, cresce vertiginosamente a oferta de livros que se propõem a "formar pais". Do mesmo modo, os pais se cercam de profissionais das mais variadas áreas do conhecimento no intuito de compensar sua falta de conhecimento especializado.

Ocorre que os filhos precisam mesmo é de pais menos burocratas; eles demandam uma relação afetiva complexa, por sinal, porque formada de afetos dos mais diversos tipos como eixo central da educação familiar, de um chão firme que permita que caminhem com um pouco de segurança, de sinalização clara a respeito do que os pais acreditam que eles podem ou não devem fazer.

Seria melhor que pais e filhos pudessem se olhar diretamente e dialogar -o que a reunião em torno da mesa de jantar possibilitava- do que olharem em silêncio para a mesma direção (a da televisão) enquanto fazem as refeições. Mas é bom ressaltar que não se trata de resgatar aquilo que é impossível, e sim de criar novas condições para os encontros entre pais e filhos.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha)

@ - roselysayao@folhasp.com.br

(texto recebido de Lúcia, na lista Filosofia Espírita para crianças www.edicoesgil.com.br)